

MUSEU DA ESCOLA CATARINENSE:

PATRIMÔNIO ESCOLAR EM ACERVOS,
EXPERIÊNCIAS E REFLEXÕES

SANDRA MAKOWIECKY, UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA,
FLORIANÓPOLIS, SANTA CATARINA, BRASIL

Professora de Estética e História da Arte e do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais na linha de Teoria e História da Arte do Centro de Artes da Universidade do Estado de Santa Catarina. É membro da Associação Internacional de Críticos de Arte – Seção Brasil (AICA Unesco). Membro do Comitê Brasileiro de História da Arte.

E-mail: sandra.makowiecky@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9132-3643>

BEATRIZ GOUDARD, UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA,
FLORIANÓPOLIS, SANTA CATARINA, BRASIL

Graduada em Engenharia Civil pela Universidade do Estado de Santa Catarina, com mestrado em Engenharia de Transportes pelo Instituto Militar de Engenharia e doutorado em Engenharia Civil pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professora adjunta do Centro de Educação à Distância (CEAD) da Universidade do Estado de Santa Catarina. Desde 2015 exerce atividades junto ao Museu da Escola Catarinense.

E-mail: beatriz.goudard@udesc.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5182-7871>

DOI

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.1980-4466.v15i30p209-246>

RECEBIDO

07/07/2020

APROVADO

20/12/2020

MUSEU DA ESCOLA CATARINENSE: PATRIMÔNIO ESCOLAR EM ACERVOS, EXPERIÊNCIAS E REFLEXÕES

SANDRA MAKOWIECKY, BEATRIZ GOUDARD

RESUMO

Este artigo pretende evidenciar as coleções do Museu da Escola Catarinense da Universidade do Estado de Santa Catarina e seu potencial museológico. A instituição está sediada no mesmo prédio que, em 1964, passou a abrigar a primeira Faculdade de Educação do Brasil, dando origem à Universidade para o Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina – atualmente, Udesc. Podemos relacionar como problema o fato de que existe certa invisibilidade desse tipo de museu no Brasil, ainda que tais coleções sejam parte da nossa vida cotidiana. Pretendemos dar evidência às pesquisas, às experiências e às reflexões sobre a presença de nosso museu na comunidade, além de torná-lo mais conhecido entre o público especializado. Discorreremos, brevemente, sobre os avanços tecnológicos implantados no Museu da Escola Catarinense e sobre a contribuição do museu na preservação da educação escolar do estado. Além disso, será abordado o espaço escolar preservado, as ações e o desenvolvimento com sustentabilidade com foco no acervo do museu e na sua importância como patrimônio educativo. Em todo esse processo, coloca-se em evidência a trajetória de preservação de um patrimônio cultural catarinense ligado à educação e que se constitui como fonte de pesquisa ao conter, em seu acervo, materiais que não estão restritos aos suportes tradicionais de documentação histórica, mas são repletos de histórias para contar. Dessa forma, é apontado como o museu é um espaço educativo importante para desenvolver a capacidade crítica, reforçar e alimentar energias, e projetar o futuro.

PALAVRAS-CHAVE

Educação, Memória da educação, Cultura material escolar, Museus universitários.

MUSEU DA ESCOLA CATARINENSE: SCHOOL HERITAGE IN COLLECTIONS, EXPERIENCES AND REFLECTIONS

SANDRA MAKOWIECKY, BEATRIZ GOUDARD

ABSTRACT

This study intent to showing the collections of the Museu da Escola Catarinense of the State University of Santa Catarina is presented and its museum potential inserted in the university structure in the same building that, in 1964, started to house the first Faculty of Education in Brazil, giving rise to the University for the Development of the State of Santa Catarina – currently, Udesc. We can relate it to the problem of a certain invisibility of this type of museum in Brazil, even though such collections are part of our life. We intend to give evidence to studies, experiences and reflections on the presence of our museum in the community, in addition to making it more known among a specialized audience. We will briefly discuss the technological advances implemented at the Museu da Escola Catarinense and its contribution to the preservation of school education in the state, as well as a preserved school space and its actions and development with sustainability, focusing on its collection its importance as educational heritage. Throughout this process, the preservation of a cultural heritage from Santa Catarina linked to Education is emphasized, which constitutes a source of research, since they are materials that are not restricted to traditional supports of historical documentation, but full of stories. The Museum is an important educational space to develop critical capacity, reinforce and feed energy, and to project the future.

KEYWORDS

Education, Memory of education, School material culture, University museums.

1 INTRODUÇÃO

Os museus escolares e pedagógicos se constituíram em estratégias relevantes à implantação dos sistemas públicos de ensino e para o aperfeiçoamento da educação escolar, especialmente a partir do século XIX. Neste artigo, falaremos especificamente sobre a trajetória de um museu pedagógico localizado no Sul do Brasil: o Museu da Escola Catarinense da Udesc (Figura 1).

A título de introdução, alguns aspectos serão ressaltados. Não se pretende evidenciar aqui o debate sobre quais seriam os termos adequados para denominar tais instituições: “Museus da escola”, “Museu pedagógico”, “Museus de história da educação”, “Museus escolares”, entre outras denominações. Este é um assunto muito amplo. No Brasil, a musealização do patrimônio histórico-educativo parece um movimento tímido, pouco discutido e teorizado. No entanto, há muita bibliografia sobre o assunto e pesquisadores que têm se dedicado ao tema de forma consistente, responsáveis por uma produção crescente. Este campo de estudos não é a área de concentração de pesquisa das autoras, muito embora já tenham publicado artigos e livros sobre o Museu da Escola Catarinense e seu acervo. O museu, como outros desta tipologia, reúne coleções que se concentram em materiais de ensino e da pedagogia e surgem motivados pela necessidade de documentar e interpretar a escola do passado, a fim de se poder compreender o presente e projetar o futuro.

FIGURA 1

Fachada do
Museu da Escola
Catarinense. Fonte:
MESC (2013).



Andreas Huyssen, no livro *Culturas do passado-presente: modernismos, artes visuais, políticas da memória* (2014), ajuda-nos a refletir sobre a febre por ruínas no mundo contemporâneo que reflete, de certo modo, o sentimento da nostalgia como um sintoma desta época. O sentimento nostálgico aparece como uma característica do início do século XXI e pode ser observado na celebração do passado por meio de estilos e de gerações anteriores revisitadas pela arte e pela cultura – como o design, a arquitetura, a fotografia, o cinema e a moda *retrô*. Neste contexto, de acordo com o autor, o sentimento da nostalgia evidencia o fim das utopias modernas, representando, assim, uma inversão no pensamento do século

XX em relação à ideia de progresso linear e histórico. Igualmente, nota-se o apego do homem à memória e ao passado. Por isso, a cultura voltaria seu olhar à memória em relação às incertezas do futuro, na tentativa de se ancorar sobre uma tradição cultural passada. Dessa maneira, a obsessão da sociedade contemporânea pelo passado contribui para uma polarização entre a memória e o esquecimento.

Compreendemos o Museu da Escola Catarinense como um projeto dessa natureza, permeado por grande sentimento de nostalgia. A pesquisa, neste artigo, configura-se como qualitativa, de natureza básica e bibliográfica, caracterizando-se como um estudo de caso focado no Museu da Escola Catarinense e nas relações sociais compreendidas no ambiente pedagógico e museológico. As observações empíricas e a verificação da complexidade (MORIN, 2002) estabelecida nessas relações sociais reforçam a importância de um caminho metodológico que abarque estudos sobre a subjetividade, compondo essas relações. Compreender o desenvolvimento de uma pesquisa é apreender o movimento que guia a reflexão em direção a objetos e a problemas novos.

2 SOBRE O MUSEU DA ESCOLA CATARINENSE

O Museu da Escola Catarinense é um órgão suplementar superior vinculado à Reitoria da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc). Inicialmente, o edifício abrigou a Escola Normal Catharinense em 1926, localizando-se em local privilegiado, no alto de uma colina, e marcado por estilo neoclássico. O espaço interno da edificação é belíssimo. Toda a circulação se dá em torno de um átrio iluminado por claraboia (Figura 2), apresentando um desenho muito utilizado em instituições de ensino e em mercados públicos. A edificação tem alto valor para a paisagem urbana, pois está inserida no coração de seu centro histórico e rodeada por várias construções que datam da colonização; por conta disso, foi tombada através do Decreto Municipal nº 521/89 e classificada como P1 (imóveis que, pelo seu valor excepcional ou monumentalidade, são totalmente preservados, tanto o interior como o exterior, não podendo ser demolidos nem modificados).

FIGURA 2

Átrio do Museu da
Escola Catarinense.
Fonte: MESC (2019).



O Museu da Escola Catarinense foi criado em 1992, passando a ocupar a atual sede a partir de 2007. Sua criação teve por objetivo principal a consolidação da instituição como espaço educativo não formal, responsável pela preservação do patrimônio cultural catarinense ligado à educação. O museu se restringe à educação escolar, o que delimita com clareza seu objetivo e estabelece similaridade com outro museu desta natureza no Brasil, o Museu da Escola de Minas Gerais, primeiro do gênero no Brasil. Há de se observar que o museu foi desenvolvido a partir do projeto de pesquisa “Resgate da História e da Cultura Material da Escola Catarinense” e do projeto de extensão “Museu da Escola Catarinense”, ambos concebidos e coordenados pela professora Maria da Graça Vandresen, idealizadora do museu, quando foram realizadas as primeiras atividades de localização, registro e coleta de acervo (SILVA; EGGERT-STEINDEL, 2012).

Convém destacar que o museu permaneceu fechado por um período em função da necessidade de recuperação de suas condições físicas e de acervo; no entanto, durante o ano de 2013 o edifício recebeu uma série de melhorias em sua estrutura física para sediar a 12ª edição da Mostra Casa Nova. Este foi um projeto de parceria público-privada entre a universidade e o Grupo RBS, em que se buscou a valorização da rota cultural no centro

da capital. Assim, houve a preservação do patrimônio histórico a partir da colaboração de expositores e de empresas parceiras. Após a recuperação das instalações físicas, a coordenadora do Museu da Escola Catarinense (MESC) realizou um trabalho intenso de análise e estudo, tanto do acervo quanto do espaço do edifício, para o estabelecimento da nova configuração do museu. Com base neste estudo foi definido, ainda em 2013, um plano museológico para o MESC (MAKOWIECKY, 2015).

O Plano Museológico do MESC 2014-2019 foi elaborado pela museóloga Elisa Guimarães e o novo Plano Museológico 2020-2025, pela museóloga Anna Julia Borges Serafim, com a colaboração de Fernanda do Canto, de Raisal Ramoni Rosa e da equipe do Museu. Nele estão destacados os objetivos, valores e a missão institucional, como reproduzida a seguir:

prestar serviços à sociedade através da valorização e reconhecimento do patrimônio sobre a educação escolar em Santa Catarina de uma forma ampla, contribuindo à pesquisa, divulgação científica e preservação do acervo, bem como integrar o Museu a um roteiro de espaços e atividades culturais, cooperando à revitalização da área central da cidade (PLANO... [s.d], p. 14).

Entre os valores do MESC, para além dos esperados em um museu dessa natureza, destacam-se outros que firmam uma marca: “Integração: tornar o Museu interligado a um roteiro de espaços e atividades culturais, contribuindo à revitalização da área central da cidade” e

Economia criativa: estar ligado a atividades que fortaleçam a economia criativa, em que a criatividade e o capital intelectual são a matéria-prima à criação, produção e distribuição de bens e serviços (PLANO... [s.d.], p. 15)¹.

Sua ligação também se dá através de projetos de extensão com a comunidade, nos quais há o incentivo e a colaboração à construção de espaços que propiciem o desenvolvimento da inovação, ajudando a consolidar a vocação criativa do estado de Santa Catarina e criando automaticamente uma rede de parceiros. Todas essas atividades também mantêm o museu vivo.

O MESC integra oficialmente o Sistema Nacional de Museus, possuindo inscrição no Instituto Brasileiro de Museus (Ibram) e adesão ao

¹Plano Museológico do MESC. 2020-2025. Disponível em: <http://www1.udesc.br/?id=2318> . Acesso em: 5 jan. 2020.

Sistema Estadual de Museus. O museu é contemplado, também, por um centro cultural que abriga exposições de artes visuais e de outras naturezas, cursos, apresentações cênicas e musicais e eventos culturais de forma ampla, sobretudo de capacitação (Figuras 3 e 4). Nos anos de 2017 e 2019, o MESC foi a sede da Bienal Internacional de Curitiba – Polo SC que, no ano de 2019 foi realizada em 16 cidades da América do Sul e contou com a participação da Udesc/MESC, integrando Santa Catarina à rota internacional de arte contemporânea (MAKOWIECKY; GOUDEL; CRISPE, 2019). Ainda no ano de 2019, a Bienal, sob a coordenação geral da coordenadora do MESC, foi expandida de forma intensa. As atividades foram distribuídas em oito espaços expositivos na cidade de Florianópolis e, na avaliação geral da área, foi o mais importante trabalho de mobilização artística já acontecido em Santa Catarina.

O MESC é também um museu bem integrado aos novos tempos e preocupa-se com a acessibilidade. O museu dispõe de um ambiente virtual² que apresenta informações completas sobre sua sede, suas especificidades, seus objetivos e suas atividades. Neste ambiente virtual, o visitante pode ter acesso a informações como eventos, histórico, descrição e imagem das salas das exposições permanentes, acervo documental, fotográfico, descrição das salas-destaque, projetos de educação escolar, plano museológico, pesquisas e textos sobre educação escolar, documentos do museu, entre outros, o que acaba por facilitar a busca de informações pela própria equipe do museu.

FIGURA 3 (ESQ.)

Imagem da Exposição Nephele–Fragile, 2019, de Cristina Almeida.

FIGURA 4 (DIR.)

Imagem da Sala Mutações, Exposição Metamorfoses do tempo: Matéria, Resíduo, Ferrugem, 2019, de Marivone Dias e Cristina Almeida. Fonte: MESC (2019).



² Disponível em: www.museudaescola.udesc.br. Acesso em: 5 jan. 2020.

A partir de março de 2020, passou a contar com cinco totens interativos (Figura 5), terminais sensíveis ao toque, para mostrar conteúdos sobre o local e as exposições em cartaz. É o primeiro museu público em Santa Catarina e o primeiro museu da escola do Brasil a utilizar esse tipo de tecnologia. Outro recurso disponível é o MESC Áudio Guia³, recurso que fala da estrutura do museu, com versões em português, inglês e espanhol, e apresenta um completo *tour* virtual⁴ e um *link* “Business”⁵. Além disso, dispõe de conteúdo na Língua Brasileira de Sinais, permitindo maior acessibilidade ao seu público.

O plano museológico do MESC 2020-2025, recém elaborado, reforça, em sua visão, a intenção de ser instituição de referência no gênero de museu escolar do país. Para afirmarmos essa vanguarda, a coordenação do museu empreendeu o trabalho de orientar uma pesquisa que envolveu toda a equipe do museu, inclusive estagiários e bolsistas. Foi um trabalho realizado em sua maior parte em 2020, durante a pandemia da Covid-19, apesar de sua concepção haver iniciado em 2019. A pesquisa resultou no livro *Museu da Escola Catarinense da Udesc e outros museus do mundo: memória e história visual* (MAKOWIECKY; GOUDARD; HENICKA, 2020), no qual se ressaltava a memória e a história visual deste tipo de museu. A partir do levantamento inicial, foram elaborados textos mais jornalísticos com as principais informações destes museus, assim como foram selecionadas fotografias bem significativas desta memória e história visual. Na sua maioria, os textos foram retirados e traduzidos a partir das próprias páginas virtuais dos museus; porém, de forma alguma a pesquisa encerrou todos os museus com esta temática do mundo. Listamos aqueles encontrados em pesquisas virtuais por meio de sistemas de busca e palavras-chave em diversas línguas, e os selecionados eram os mais recorrentes ou de maior visibilidade nas plataformas digitais.

3 MESC TOUR – áudio guia. Disponível em: <https://tourvirtual360.com.br/mesc/audioguia/>. Acesso em: 10 mai. 2020

4 MESC TOUR VIRTUAL (salas, jogos, acervo, estrutura física), em inglês, espanhol, português e Libras. Disponível em: <http://mesc.tourvirtual360.com.br>. Acesso em: 10 mai. 2020.

5 BUSINESS “MUSEU DA ESCOLA CATARIENSE – MESC – Udesc” Disponível em: <https://www.google.com/maps/place/MESC/@-27,5979595,-48,5507345,17z/data=!3m1!4b1!4m5!3m4!1s0x0:0xccc05870e5ec052bc!8m2!3d-27,5979595!4d-48,5485458>. Acesso em: 10 mai. 2020.

A pesquisa consistiu na visitação de sites e redes sociais de vários museus da escola no Brasil e no mundo, pelos seis continentes. O que se contemplou no livro foi o que se conseguiu encontrar. Não foram localizados museus deste tipo na África e Antártida. Na elaboração dos textos, buscou-se por um roteiro parecido para todos os museus, destacando: informações sobre o museu; breve história do museu; coleções/acervo; descrição das exposições e das salas; e fotografias do museu. Geralmente, nos acervos destes tipos de museus estão guardadas as memórias de documentos e objetos, com cada museu estabelecendo seu foco de atuação em seus planos museológicos.

Na pesquisa, de um universo de 73 museus espalhados por quatro continentes, apenas sete dispõem de *tour* virtual completo: Cathedral of Learning (Pittsburgh, Pensilvânia, Estados Unidos); Museo Andaluz de La Educación (Málaga, Espanha); Museo Pedagógico de la Facultad de la Educación de la Universidad de Sevilla (Sevilla, Espanha); Museo Pedagógico da Galicia (Santiago de Compostela, Espanha); Le Musée National de L'éducation (Rouen, França); School Life and Education Museum (Atenas, Grécia); e Museo Storico della Didattica Mauro Laeng (Roma, Itália). Em comparação com os demais, o *tour* virtual do MESC pareceu ser o mais completo de todos, além de ser interativo, fato que não caracteriza os demais. O MESC também apresenta conteúdo em plataformas de acesso ao público como Facebook e Instagram, algo que a maioria dos museus estudados não possui. Com essas iniciativas, o MESC se constitui como espaço de excelência em inovação, cultura, educação e arte no centro histórico de Florianópolis, recebendo visitas guiadas sob agendamento e visitantes dos mais variados locais com o intuito de despertar nas pessoas a ressignificação da memória escolar e da preservação de nossa cultura educacional.

FIGURA 5

Totens interativos, terminais sensíveis ao toque (*touch screen*) que mostram conteúdos sobre o local e as exposições em cartaz. Fonte: MESC (2020).



3 O ACERVO DO MESC

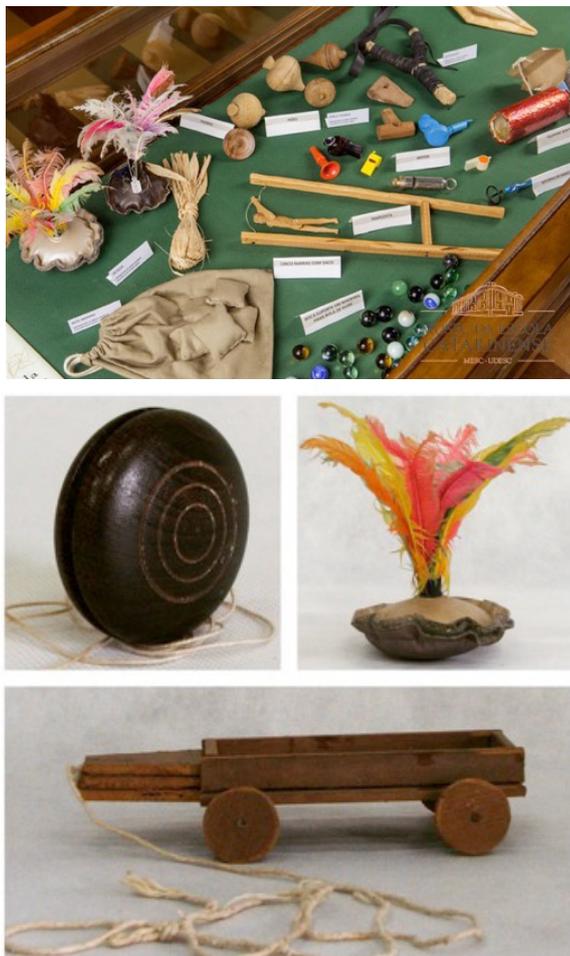
A coleção figura no coração das atividades de um museu. Pelas categorias gerais dos museus escolares, utilizando-se como critério a natureza das coleções, o MESC se concentra em coleções sobre a memória da escola (e alguns outros temas) e dispõe de um acervo bastante rico dentro do patrimônio educacional catarinense, no qual podem ser encontradas peças de mobiliário, livros, cadernos escolares, cartilhas de alfabetização, quadro-negro, palmatória, canetas de pena, tinteiros, lápis, régua-mapa, globos, imagens diversas, documentos, cartazes, jogos educativos, fotografias, quadros de formatura, piano, coleção de brinquedos, miniaturas, entre outros. Na sequência, apresentamos uma descrição sintética das principais coleções.

3.1 Coleção Aldo Nunes “Brinquedos da minha infância”

A coleção de brinquedos (Figura 6) foi doada por Aldo Nunes, ex-aluno e professor da extinta Escola Normal Catharinense. Nascido em 1925 na capital catarinense, ele foi responsável pela criação do Atelier de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis (Atecor) no Museu de Arte de Santa Catarina (MASC), do qual foi diretor de março de 1969 a março de 1981. Nessa “escola”, formou sensibilidades e mãos aptas a reparar agressões do tempo e dos homens em objetos da cultura material.

FIGURA 6

Coleção Aldo Nunes
"Brinquedos da
minha infância".
Fonte: MESC (2015).



Aldo Nunes viveu sua infância e juventude no centro de Florianópolis, onde imperavam as brincadeiras de rua e as crianças faziam seus próprios brinquedos, como o boi de mamão, carrinho de quatro rodas, bola de mão, pandorga, bilboquê de lata, carrinhos de madeira e de lata, entre tantos outros. Os brinquedos e brincadeiras apresentados no MESC são peças que, evidentemente, distanciam-se da massificação e da reprodução industrial e colocam a criança como protagonista das invenções e das técnicas que permitem construir seus brinquedos. Eles circulavam pelas escolas e suas práticas e modos de ação eram disseminados entre os alunos. Tais objetos expressam, portanto, permanências e rupturas sobre a infância e revelam formas de conceber e tratar essa época, não pelos mestres e coordenadores, mas pelas próprias crianças (SILVA; PETRY, 2008).

3.2 Coleção de material escolar

Há uma seção destinada aos materiais de uso do professor de época (Figura 7). São elementos de aula como o giz, o apagador e os livros de consulta. Entre estes, um elemento se destaca por sua forma peculiar: uma longa vara de madeira retorcida sobre si mesma: a palmatória, que era utilizada como instrumento de disciplina escolar.

Em 1854, os castigos físicos foram substituídos pelo uso de castigos morais. No entanto, há relatos de que após um século da proibição do castigo físico, eles continuaram a ser utilizados em algumas escolas brasileiras. Outra parte significativa do acervo desta sala é constituída por materiais escolares como cadernos, lápis, mata-borrão, giz, quadros miniatura, fotografias antigas do prédio, escrivatinhas, máquinas de escrever, mimeógrafo, entre outros materiais e equipamentos de interesse escolar.

FIGURA 7
Coleção de Material
Escolar. Fonte: MESC
(2015).



3.3 Coleção de quadros de formatura – Academia de Comércio de Santa Catarina

Em duas salas, encontramos expostos em destaque os 13 quadros de formatura da extinta Academia de Comércio de Santa Catarina (Figura 8). Estes painéis nos remetem a uma tradição que se perdeu ou pelo menos se modificou ao longo do tempo. No passado, quadros com as fotos dos alunos recém-formados eram verdadeiras relíquias feitas por artesãos reconhecidos, peças que enobreciam escolas e faziam parte da história dos formandos. Por essa razão, os quadros de formatura são monumentos com os quais são comemorados não só a conclusão do curso, mas também é perpetuada a memória do acontecimento e do grupo. Constituem, portanto, uma forma específica desse grupo estar e se apropriar da instituição escolar, além de proclamar a presença institucional na memória coletiva do sucesso da escola no alcance de seus objetivos incluídos em sua missão pedagógica. A tradição dos painéis de formatura pode ser analisada sob diversas perspectivas. Uma delas, possível e afeita ao plano museológico do MESC, trata-os como objetos pertencentes ao acervo da cultura material escolar, o que nos permite compreendê-los como documentos de investigação histórica que possibilitam a análise tanto de sua materialidade quanto das relações intrínsecas provocadas por seus usos, por suas compreensões e pelo registro da sua história. Alguns destes quadros eram mais simples, com molduras, fotografias e desenhos. Já outros, extremamente elaborados, eram feitos em madeira maciça e em grandes proporções. A análise desses artefatos revelam crenças na formação através da educação e explicitam redes de relacionamento pessoal e a importância institucional (MAKOWIECKY; GOUDARD; HENICKA, 2019).

FIGURA 8

Coleção de Quadros de formatura – Academia de Comércio de Santa Catarina. Fonte: MESC (2019).



3.4 Coleção de poltronas dos móveis cimo do miniauditório

Além dos quadros de formatura, a Sala Euterpe também é composta por um dos produtos mais famosos da marca de móveis Cimo: as poltronas para cinema e auditório (Figura 9). Os exemplares que compõem a sala são remanescentes do Instituto Estadual de Educação (IEE), que funcionou no prédio até a década de 1960.

Destaca-se que estas poltronas constituem um dos raros objetos daquele tempo que ficaram para o acervo do museu. As poltronas de cinema Cimo foram por décadas o principal meio de lucro da empresa. Cinemas de todo Brasil compravam o produto para mobiliar suas salas. Na mesma sala, é encontrado ainda um piano datado de 1886. Em muitos locais, a música era matéria de presença obrigatória nas escolas, ministrada na maioria das vezes ao piano em salas de música ou auditórios.

FIGURA 9

Coleção de Poltronas dos Móveis Cimo do Miniauditório. Fonte: MESC (2019).

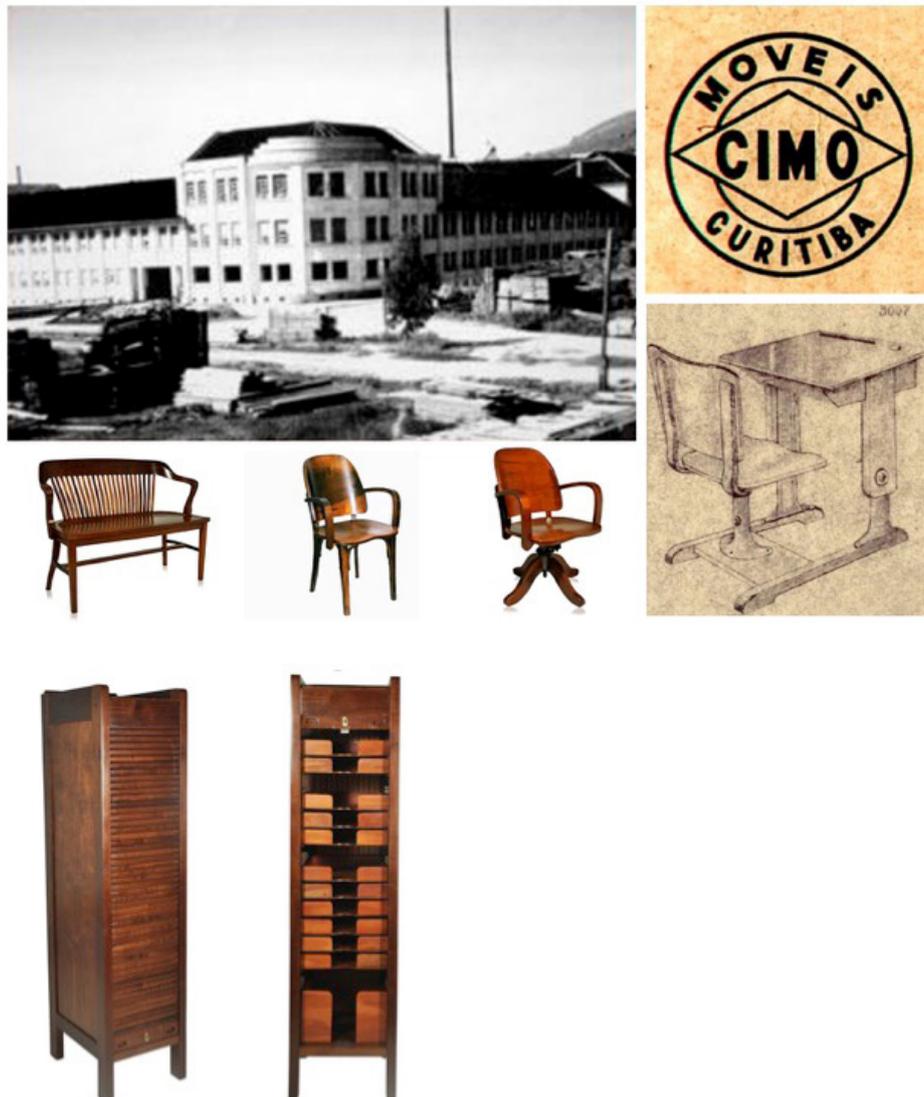


3.5 Coleção de mobiliário escolar Cimo

Os móveis da fabricante Cimo dominaram durante anos o mercado nacional de móveis para instalações comerciais e institucionais, com repercussão em diversos países da América Latina. No acervo do MESC contamos com diversos exemplares originais em perfeito estado de conservação, como escrivaninhas, mesa de professor, cadeiras, namoradeiras, bancos e mesas escolares, carteiras, armários, arquivos, cadeiras de diretor, cadeira-xerife, organizador, entre outros. São peças de grande importância para a história da cultura material escolar no país. Quem já passou dos 40 anos, certamente se lembra não só daquelas carteiras de madeira do colégio como também das poltronas de madeira dos cinemas, do banco das repartições públicas, da cadeira da casa da vovó e de muitos outros clássicos do mobiliário brasileiro. O que eles têm em comum? Possivelmente, todos foram concebidos pela Cimo, fábrica de móveis criada por Jorge e Martin Zipperer, em 1921, na cidade de Rio Negrinho, Santa Catarina. Uma corporação de sete fábricas de móveis formaram a Cia. Industrial de Móveis S/A. Em 1954, a empresa passou a se chamar oficialmente Móveis Cimo S/A, caminhando então para se tornar a maior fábrica de móveis da América Latina, com uma administração altamente descentralizada nos dias atuais. Possui fábricas em Rio Negrinho (derivadas da M. Zipperer S/A e da Schauz & Buchmann), em Curitiba (derivadas de Raymundo Egg e Móveis Maida), em Joinville (derivada de Leopoldo Reu) e no Rio de Janeiro (ligada à família Kastrupp). Com espírito claramente vanguardista, a Cimo antecipou muitas teorias do design 20 anos antes da criação da primeira escola superior de desenho industrial no país – a Escola Superior de Desenho Industrial, no Rio de Janeiro. Também foi uma das pioneiras no Brasil a utilizar o processo de curvar madeira por meio do vapor e a adotar uma máquina laminadora capaz de produzir madeira compensada. Desde o início, e apesar das inúmeras mudanças de sociedade que fizeram parte da história da Cimo, a empresa sempre produziu sua própria matéria-prima. Dispunha de suas próprias máquinas, serrarias e técnicas para o tratamento da madeira, material com o qual os irmãos Zipperer eram muito exigentes. Preferiam a imbuía, madeira resistente e de cor avermelhada, extremamente comum naqueles tempos e que caracterizou a maioria das peças da Cimo. As poltronas de cinema foram, por décadas, o seu principal meio de lucro. Cinemas de todo Brasil

compravam o produto para mobiliar suas salas. Apesar de o negócio ser promissor, a Cimo sentia necessidade de um carro-chefe de vendas. Assim, surgiu a Cadeira 1001, móvel fabricado exatamente com o mesmo design inicial por anos a fio. A Cimo fabricou vários modelos de cadeira, desde a 1001 até alguns modelos giratórios e com regulagem de altura. Do modelo mais modesto ao mais sofisticado, percebe-se uma coerência estética nas criações da empresa. O design enxuto e autoral dessas peças é um exemplo de como a marca foi uma das primeiras a construir uma identidade própria, tanto de material quanto de forma (MAKOWIECKY; GOUDARD, 2018).

FIGURA 10
Coleção de
Mobiliário escolar
Cimo. Fonte: MES
Cimo. (2019).



3.6 Coleção de miniaturas do mobiliário escolar dos móveis Cimo
O museu dispõe de uma coleção de miniaturas do mobiliário Cimo da coleção do MESC, feitos por Mônica Augusto, conhecida por Mo Miniaturas, em um trabalho artesanal delicado, refinado e com fiel reprodução de todos os detalhes dos móveis, incluindo as etiquetas famosas da marca (Figura 11).

FIGURA 11
Coleção de
Miniaturas de
Mobiliário escolar
Cimo. Fonte: MESC
(2019).



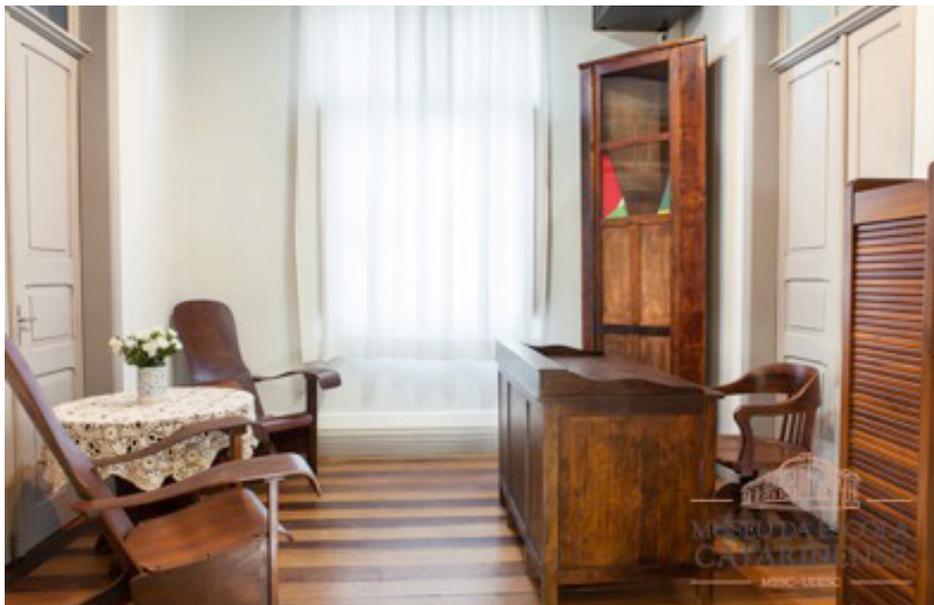
3.7 Coleção móveis, retratos, busto de Antonieta de Barros – Sala da Direção

No ambiente do museu, reconstituímos uma típica saleta de diretora (Figura 12). Na cultura escolar, ser convocado a este ambiente era quase certamente sinônimo de punição e castigo. Muitos professores aproveitavam o respeito exercido por esse ambiente sobre os alunos para os ameaçar. Muitas vezes, a mínima menção a esse espaço bastava para estabelecer a ordem em sala. Por meio de seus móveis e das memórias dos visitantes, a saleta reconstruída no MESC guarda essa aura de solenidade e recolhimento. Fazem parte dos móveis expostos um conjunto de poltronas com mesinha, um arquivo com gaveteiro e porta deslizante, um armário porta-bandeiras, além de uma escrivaninha ocupada por Antonieta de Barros, diretora do Instituto Estadual de Educação (IEE) em 1950, quando era situado no espaço onde está o Museu da Escola Catarinense atualmente.

Antonieta de Barros nasceu em Florianópolis, Santa Catarina, em 11 de julho de 1901. Formou-se em Português e Literatura pela Escola Normal Catarinense em 1921, na época situada no Palácio Cruz e Sousa. Antonieta foi professora no Instituto Estadual de Educação Dias Velho, do qual foi diretora em 1950. Anteriormente, em 1934, Antonieta aceitou o convite do Partido Liberal Catarinense e se tornou a primeira mulher negra a ser eleita para uma cadeira na Assembleia Legislativa. Lutou pela valorização do magistério, exigindo curso para o provimento dos cargos e defendeu a concessão de bolsas aos cursos superiores para alunos carentes. Antonieta foi personagem importantíssima na formação cultural e política da capital e do estado de Santa Catarina e, em sua saleta no MESC, recebe uma homenagem.

FIGURA 12

Coleção móveis,
retratos, busto de
Antonietta de Barros
– Sala da Direção.
Fonte: MESCS (2019).



3.8 Coleção de carteiras escolares

Carteiras: da função primeira de suporte para o material à lousa de recados, rascunho de contas, segredos, colas de prova, desenhos ou esconderijo para gomas de mascar: quem não tem boas histórias para contar e lembrar? Em uma sala do museu, nossa coleção de carteiras é um convite para que você possa sentar e revisitar essas memórias. Os formatos evoluíram bastante com o passar do tempo, tornando-se mais ergonômicos e simpáticos.

FIGURA 13

Coleção de carteiras escolares e cenário da lembrança escolar. Fonte: MESC (2019).



No MESC, apresentamos desde os bancos rústicos das escolas do interior até as mesas-baú, passando pelas cadeiras universitárias e as mesinhas individuais com tampo de fórmica (Figura 13). Nesta sala, encontramos um “Cenário da Lembrança Escolar”. Uma tradição de antigamente eram as fotografias escolares, as quais marcavam o início da vida escolar após a passagem pelo pré-primário, sendo um momento de grande significação às crianças e suas famílias. O cenário típico incluía uma bela mesa, sobre ela um globo ostentoso, livros e bandeiras e, atrás do pequeno modelo, um mapa do país ou do mundo. No “Cenário da Lembrança Escolar”, os visitantes podem se fotografar de acordo com a tradição.

3.9 Coleção “Sala de aula de época”

Expõe-se uma reconstituição de sala de aula de época (Figuras 14 e 15) sem data definida, mas inspirada em modelos das décadas de 1930 a 1950, com as características das salas de aula do período do governo de Getúlio Vargas (1932-1954): entre quatro paredes, uma extremidade com o quadro negro feito em madeira; em uma lateral, janelas; nos fundos, armários para guardar material e, na outra lateral, a porta de acesso. Em fileiras e dispostas por toda a sala, encontram-se os populares conjuntos de mesa e cadeira, conhecidos como “carteiras”. Em um dos cantos na frente da sala está o armário porta-bandeira para prestar homenagens, como também o púlpito para as declamações.

Na fileira central, as carteiras apresentam uma variação de tamanho para que os alunos sentassem em dupla, otimizando o espaço. Todas as carteiras são voltadas à mesa do professor em frente ao quadro.

FIGURA 14

Coleção “Sala de aula de época”.
Fonte: MESC (2019).



FIGURA 15

Coleção "Sala de aula de época".
Fonte: MESC (2019).



Nas paredes, mapas e diversos quadros com amostras de sementes de café, algodão, milho e outros produtos produzidos pelo país, no período, disputam espaço com o relógio e o crucifixo. As salas de aula, majoritariamente as dos grupos escolares, se encheram de luz, cor e formas: gravuras, mapas, coleções de insetos, globos terrestres, abecedários de madeira, esqueletos humanos.

3.10 Coleção de quadros demonstrativos de produtos agrícolas – Quadros parietais I

Da Academia de Comércio, o MESC recebeu, em 1996, a doação de 13 quadros que serviram de material didático, representando a evolução dos produtos manufaturados desde sua plantação até chegar aos produtos finais.

FIGURA 16

Coleção de quadros demonstrativos de produtos agrícolas – Quadros parietais I. Fonte: MESCS (2015).



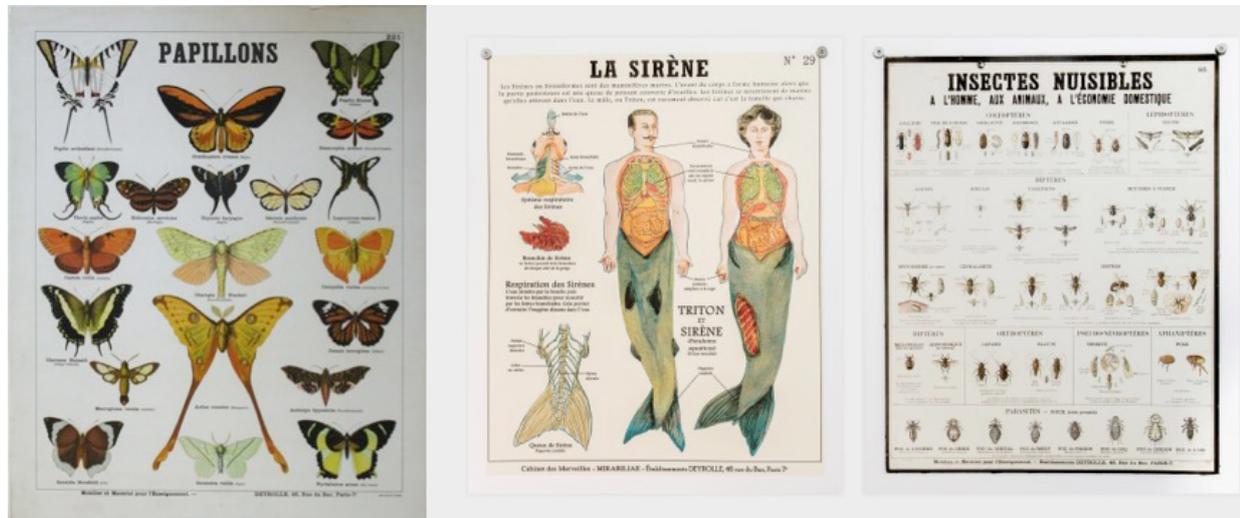
Podemos citar o exemplo que parte desde a árvore até a produção de lápis, papel e óleos, utilizando amostras legítimas dos materiais para a explicação didática. Alguns dados estão registrados nos próprios quadros, como autoria e origem. A coleção do museu conta com quadros sobre arroz, seda, fibras têxteis, café, algodão, milho, feijão e mamona (Figura 16). Esses quadros são mostruários de produtos agrícolas nacionais e contêm fotografias, *collages* de sementes, vidrinhos de substâncias, como óleo, e textos instrutivos, que recebiam o nome de “museu escolar”. Os quadros são assinados por Alfredo Teixeira Júnior e indicam fabricação na cidade de Santos, São Paulo. No caso específico dos quadros aqui citados, ainda é necessário apurar acerca de sua trajetória até chegar à Academia de Comércio, de onde seguiram para o acervo do museu.

3.11 Coleção de Quadros parietais II (quadros instrutivos) – Reproduções da Maison Deyrolle

Por volta de 1871, na França, Émile Deyrolle dá um impulso importante à educação, através do desenvolvimento de quadros murais coloridos publicados sob o nome “A Escola Museu Deyrolle” (Figura 17).

FIGURA 17

Coleção de quadros parietais II (quadros instrutivos). Reproduções da Maison Deyrolle. Fonte: MESC (2015).



Para as diferentes classes, desde o primário à universidade, as “lições de coisas” como botânica, zoologia, entomologia, geografia, anatomia humana, cívica, física, química, geologia, mineralogia, biologia eram ensinadas por meio dos quadros. A loja Deyrolle existe até hoje e segue produzindo quadros parietais. No Museu da Escola Catarinense, na sala de época, possuímos uma série de mais de 30 reproduções de quadros parietais da Maison Deyrolle. Os mapas, quadros e imagens parietais são uma tecnologia a serviço do ensino, surgida no século XIX, o século da imagem, e utilizada também ao longo do XX. A utilização dos recursos parietais como meios técnico-didáticos de ensino se enquadra num movimento mais vasto de ligação entre a ciência e o cotidiano, de onde surgiram imensas invenções técnicas.

3.12 Coleção de quadros parietais originais da Mayson Deyrolle

Na sala do Núcleo Educativo, contamos com quadros parietais atuais e originais, adquiridos na loja Maison Deyrolle em Paris. São dez quadros que tratam dos seguintes temas: “Saúde e clima”, “Ações responsáveis”, “Energias renováveis”, “Desenvolvimento sustentável”, “Os dejetos”, “O Ciclo do papel”, “A abelha, a casa e o mel”, “A biodiversidade”, “Mudanças climáticas”, “A gestão durável das florestas” (Figura 18). A ideia dos quadros parietais, utilizados para ensinar “lições de coisas”, permanece na atualidade, adaptada aos temas e questões contemporâneas.

FIGURA 18

Coleção de quadros parietais II (quadros instrutivos). Originais da Maison Deyrolle. Fonte: MESC (2019).

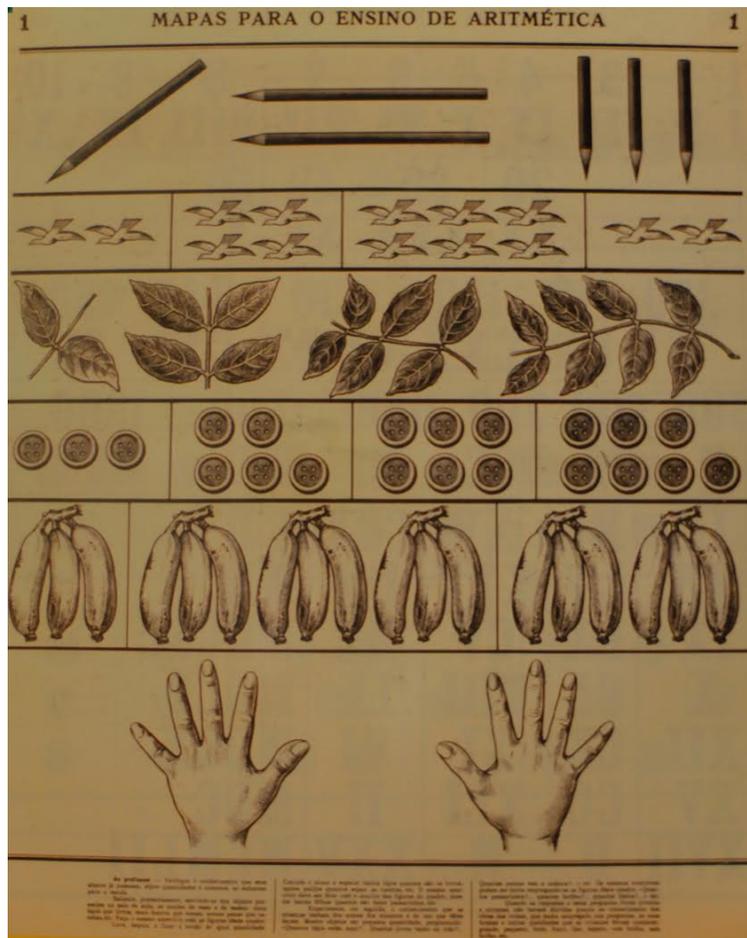


3.13 Coleção de quadros parietais III – Quadros Parker – salas de aula organizadas segundo os princípios intuitivos

A “lição de coisas” deveria acontecer, diariamente, na aprendizagem da aritmética, da língua portuguesa, da história e da geografia: as crianças precisavam ver, ter contato com as coisas. E, para auxiliar nas lições de coisas, os professores dispunham de materiais pedagógicos, como esqueletos humanos, mapas geográficos, figuras geométricas envernizadas e os quadros Parker. Os quadros ou mapas Parker, como também eram conhecidos, eram cartazes grandes, de aproximadamente um metro de comprimento por 50 centímetros de largura, contendo bolinhas, 84 dados e números, os quais eram apresentados às crianças em um cavalete de madeira. O MESC dispõe de uma reprodução de *Quadro Parker para o ensino de matemática* (Figura 19).

FIGURA 19

Coleção de quadros parietais III. Quadros Parker – salas de aula organizada segundo os princípios intuitivos. Fonte: MESCC (2019).



Cada grupo escolar possuía apenas um conjunto desses. Os Mapas Parker traziam também estampas de animais e de objetos que faziam parte do cotidiano das crianças, tais como cachorros e gatos, que aumentavam em número em cada mapa. Através de perguntas e de respostas, no melhor estilo das lições de coisas, o professor deveria ir propondo pequenos problemas para serem resolvidos pelas crianças. Os professores deveriam, além das estampas dos mapas, utilizar os objetos existentes na própria sala de aula: número de janelas e de portas, de carteiras na fila direita e na esquerda, número de alunos sentados e em pé, entre outros, como também fazer uso, o mais possível, de objetos concretos como bolinhas de gude, palitinhos e tabuinhas, que possibilitariam às crianças a realização das operações de somar, diminuir, multiplicar e dividir sem contar nos dedos, preparando-se dessa forma para as abstrações.

Assim, por possibilitar o ensino objetivo e concreto para além do cálculo abstrato até então vigente nas escolas, os mapas ou quadros Parker eram considerados ideais à aprendizagem intuitiva da aritmética, uma matéria cujos conhecimentos empregarão amplamente na vida.

3.14 Coleção painéis do projeto “Resgate da história e da cultura material da Escola Catarinense”

Nas paredes da Sala Urânia, no piso superior do café do Museu, encontra-se as placas esmaltadas com nomes de salas de aula da antiga Faculdade de Educação (FAED), e mesmo de tempos anteriores, e o material referente ao projeto “Resgate da história e da cultura material da Escola Catarinense”, concebido e coordenado pela professora Maria da Graça Vandresen durante a década de 1990. O material está exposto em painéis fotográficos nas paredes. O objetivo nesse projeto era o de percorrer grande parte do estado ao visitar as escolas mais antigas com o intuito de conhecer o patrimônio remanescente e conscientizar sobre a importância da preservação das peças de interesse histórico no próprio local; como móveis, objetos, livros e fotografias, além das próprias edificações (Figura 20).

FIGURA 20

Coleção painéis do projeto “Resgate da história e da cultura material da Escola Catarinense”. Fonte: MESC (2019).

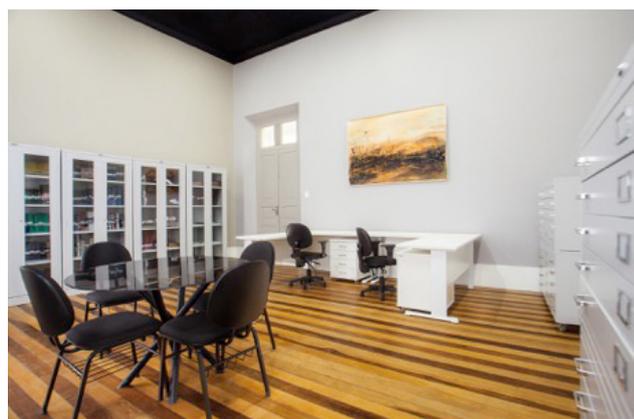


3.15 Coleção de livros e documentos escolares

Uma outra coleção diz respeito aos materiais didáticos: livros, cartilhas, cadernos, jogos pedagógicos, cartazes, mapas, registros iconográficos como fotografias; registros escolares: livros de matrícula, livros de tombo, livros de ponto, livros de ocorrência, cadernetas de chamada, diplomas, fotografias) e suportes utilizados pelo professor: programas de ensino, revistas pedagógicas e depoimentos orais realizados por pesquisadores. O foco está voltado à preservação do que denominamos cultura material escolar. O acervo do Museu da Escola é, pois, constituído de artefatos que dão suporte, organizam e determinam as práticas e relações que se estabelecem no interior da escola e têm papel de grande importância na definição de sua identidade.

Assim sendo, eles não valem apenas pela sua singularidade, mas também pela sua capacidade de proporcionar o conhecimento de uma manifestação social, expressiva de uma das mais importantes formas de inserção do indivíduo à sociedade – a escola. Exemplar neste sentido é a palmatória. Mais que um instrumento de castigo, ela é hoje (ao lado da lousa) um símbolo da pedagogia tradicional, na medida em que expressa o rigor na disciplina, um dos alicerces desta proposta de ensino na época.

FIGURA 21
Coleção de livros
e documentos
escolares. Fonte:
MESC (2019).



3.16 Coleção de depoimentos em áudio

Outro importante passo do projeto “Resgate da história e da cultura material da Escola Catarinense”, concebido e coordenado pela professora Maria da Graça Vandresen, foi uma série de entrevistas gravadas pelos alunos que participaram da pesquisa durante a década de 1990. Essa série é composta por 87 entrevistas, feitas com professores, diretores, pedagogos e ex-alunos e gravadas em fitas cassete; a primeira se constitui de entrevistas feitas em lares de idosos de Florianópolis, constando a identidade e ano de nascimento de cada entrevistado na gravação. Nessas falas, onde predomina uma linguagem cotidiana e descontraída, os idosos contam suas brincadeiras de infância, lembranças de sala de aula, os locais onde estudaram, entre outras recordações. A segunda série de entrevistas revela um outro ponto de vista sobre a educação: a visão de professores e outros profissionais da educação no estado de Santa Catarina. Nessas entrevistas, são contadas as experiências vividas por eles, suas dificuldades com relação aos alunos, ao sistema educacional, as mudanças de currículo, as divergências entre formação do professor na universidade e magistério e a prática efetiva nas escolas, entre outros assuntos⁶.

4 EXPERIÊNCIAS E REFLEXÕES SOBRE O MUSEU NA COMUNIDADE

Para além das coleções, o Museu está adaptado aos novos tempos por meio de instalações e equipamentos diversos (figuras 22 a 26). A instituição conta com um café, uma lojinha, salas de aula, banheiros adaptados à acessibilidade, sala de reuniões, oficinas utilizadas para *coffee breaks* e eventos e um auditório apropriado ao acolhimento de cadeirantes. A partir do ano de 2018, usuários de cadeiras de rodas podem visitar o museu com mais conforto e acessibilidade, já que nele há um carro escalador de escadas que transporta os cadeirantes com segurança na entrada do local e entre os dois andares. O equipamento portátil é apoiado sobre rodas e correias dentadas do tipo esteiras, tendo tração a motor elétrico, alimentado por bateria. A acessibilidade aos museus está prevista no território nacional pelo Estatuto de Museus na Lei Federal nº 11.904/2009. Além disso, é citada em normas, declarações, recomendações e tratados internacionais.

⁶ Para aprofundar essa discussão, ver *Memória docente: história de professores catarinenses (1890-1950)*, desenvolvido com base nessas entrevistas e organizado pelas pesquisadoras Vera Lúcia Gaspar e Dilce Schüeroff (2010). Disponível no site do MESC, junto com os áudios: <http://www1.udesc.br/?id=2679>.

FIGURA 21.A

Café do museu.



FIGURA 21.B

Lojinha do museu.



FIGURA 22.A

Banheiros do piso superior.



FIGURA 22.B

Banheiros do piso inferior.



FIGURA 23.A

Sala de aula.



FIGURA 23.B

Sala de reuniões e de coffee break.



FIGURA 24.A

Sala de reuniões Victor Meirelles.



FIGURA 24.B

Auditório Mnemosyne.



FIGURA 25.A

Sala da administração.



FIGURA 25.B

Carro escalador com botão de parada de emergência e sensor de inclinação.



O Plano Museológico 2020-2025 menciona em sua missão institucional a prestação de serviços à sociedade através da valorização e reconhecimento do patrimônio sobre a educação escolar em Santa Catarina de forma ampla, auxiliando a pesquisa, divulgação científica e preservação do acervo, como também a integração do museu a um roteiro de espaços e atividades culturais, contribuindo à revitalização da área central da cidade. Para tanto, o MESC participa de dois projetos fixos de extensão.

O Traços Urbanos é um movimento que busca a requalificação dos espaços públicos de Florianópolis através de ações que almejam a melhoria da cultura urbana da cidade e a qualidade de vida de seus habitantes. Este movimento é sustentado pelo potencial de contribuição voluntária dos seus integrantes multidisciplinares por meio da especificidade profissional e da atuação cidadã de cada um e é aberto à participação de qualquer indivíduo. De forma colaborativa, esses cidadãos, preocupados com a questão urbana, estruturam-se a partir de propostas consideradas características de determinado local na busca de uma cidade mais humana. As primeiras práticas do movimento foram direcionadas ao centro de Florianópolis, especificamente à área leste da Praça XV, apelidada de Distrito Criativo, que envolve seu entorno histórico e onde se situa o Museu da Escola Catarinense. Havendo metodologias inovadoras, são realizadas, pelo grupo, ações periódicas, como eventos, oficinas, capacitações e projetos, que promovem a conexão entre atores de diversos segmentos e contam com o apoio de diversas instituições para a formação de novas parcerias em função dos projetos pensados e desenvolvidos. Trata-se de um coletivo com múltiplas competências, saberes e experiências e uma só causa: colaborar para a qualificação dos espaços públicos de Florianópolis. Mais de 200 pessoas já fazem parte do movimento, organizadas em grupos de trabalho; a sede para os encontros é o Museu da Escola Catarinense, que acolhe as reuniões e os eventos.

A Udesc e a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em projeto de extensão denominado “CoCreation Lab”, incentivam e contribuem na construção de espaços que propiciem o desenvolvimento da inovação, ajudando a consolidar a vocação criativa do estado de Santa Catarina. É de interesse do museu esta parceria técnico-científica e estratégica para estimular a economia criativa por meio de atividades de pesquisa, e de projetos e serviços especializado voltados ao desenvolvimento econômico, social, ambiental, tecnológico

e científico e à inovação do município. Existe a pretensão de se transformar o lado leste do centro da capital, nas imediações da Praça XV de Novembro, em um centro de inovação e empreendedorismo. A Universidade do Estado de Santa Catarina, referência no ensino superior no que tange às profissões ligadas à economia criativa, tem interesse em apoiar projetos que envolvam as ciências ligadas à economia criativa com o objetivo de inserir suas atividades de pesquisa e extensão, contribuindo ao desenvolvimento de um ambiente físico adequado e tendo em vista o estímulo que a proximidade com outros empreendimentos de inovação criativa promoverá em seu corpo discente e docente. A Udesc e Museu da Escola Catarinense contribuem ao desenvolvimento e realização das atividades de promoção do projeto referido ao disponibilizarem um espaço físico a sua implementação na Sala Harmonia (conhecido como mezanino) no Museu da Escola Catarinense. No ano de 2020, o “CoCreation LabI” foi reconhecido como a maior pré-incubadora do Brasil⁷, projeto que se iniciou no espaço físico do Museu da Escola Catarinense da Udesc e que permanece como sede matriz. Pelo projeto, são oferecidas metodologias próprias e apoio de profissionais experientes para desenvolver e assegurar que ideias inovadoras tenham sucesso, sem custo aos participantes do programa. Com este projeto, o Museu da Escola Catarinense constrói uma ponte entre a escola do passado e a escola do futuro, que convivem no mesmo ambiente.

Quanto à pesquisa, na página do museu está disponibilizada uma série de trabalhos acadêmicos⁸, realizados pela equipe do museu e ou pesquisadores externos. Trata-se de uma seção onde se pode encontrar artigos, dissertações, teses, monografias referentes, de modo geral, à educação escolar, além de material produzido sobre o Museu da Escola Catarinense e seu acervo, disponíveis para consulta, que poderão servir de subsídio às pesquisas na área⁹.

7 Pré-incubadora de Santa Catarina, é a maior do Brasil e anuncia novidades para 2021. Disponível em: <https://www.economiasc.com/2020/12/03/pre-incubadora-de-sc-e-a-maior-do-brasil-e-anuncia-novidades-para-2021/amp/>. Acesso em: 7 dez. 2020

8 Disponível em: <http://www1.udesc.br/?id=2317>. Acesso em: 4 jan. 2020.

9 O trabalho desenvolvido pelo MESC também conta com livros sobre a instituição publicados ao longo de dez anos, como *Painéis de formatura do acervo do Museu da Escola Catarinense: patrimônio histórico cultural do estado* (2019); *Museu da Escola Catarinense: MESC de bolso* (2016); *Museu da Escola Catarinense: por um legado de transmissão e herança* (2018); *Museu da Escola Catarinense: por uma biografia das coisas* (2016); *Museu da Escola Catarinense da Udesc e outros museus do mundo: memória e história visual* (2020).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que nos motivou a realizar este trabalho foi a oportunidade de evidenciar o potencial das instituições museológicas inserido na estrutura universitária, como o Museu da Escola Catarinense da Universidade do Estado de Santa Catarina, o único museu da escola no contexto de museus universitários brasileiros e o segundo deste tipo no Brasil. Aliamos este fato a outro aspecto muito importante. Em 1964, o prédio passou a abrigar a primeira faculdade de educação do Brasil. Na época, essa faculdade representava uma escola ímpar, o que acabou induzindo a criação de lugares semelhantes em outros estados. Em 1965 era aprovado o decreto que definia a Fundação Educacional de Santa Catarina (FESC), a qual foi atribuída o poder necessário à constituição da Universidade para o Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina (Udesc). No final do século XX, passamos a reconhecer a dimensão de outro valor inerente aos bens culturais, que até aquele momento não havia sido definido pelos teóricos de nossa área: o valor simbólico. Para Vinãs (2003, p. 41), sobre os objetos e monumentos históricos, nenhuma circunstância material justifica a preocupação, porque seu valor é outro. Trata-se de um valor convencional, acordado e concedido por um grupo de pessoas (ou até mesmo por uma pessoa) e sobre estes objetos são acrescentados valores que, na realidade, correspondem a sentimentos, crenças e ideologias, ou seja, a aspectos imateriais da realidade. É o entendimento do bem cultural em seu caráter simbólico e impregnado de sentidos, um conceito ainda não explicitado. Nesta linha, surge o conceito de intangibilidade. A ideia de patrimônio cultural imaterial ou intangível compreende as expressões de vida e tradições que comunidades, grupos e indivíduos em todas as partes do mundo recebem de seus ancestrais e passam seus conhecimentos a seus descendentes. Acreditamos que este museu da escola foi atualizado na dinâmica temporal ao se considerar sua materialidade e imaterialidade. O prédio foi recuperado, o acervo ampliado, a instituição se conectou aos meios virtuais e foi realizada intensa articulação com a comunidade. Evidenciamos que há certa invisibilidade desse tipo de museu no Brasil, ainda que tais coleções sejam parte da vida de todos nós. Pretende-se, com essa publicação, uma oportunidade de destaque às questões pertinentes de nosso patrimônio universitário, bem como tornar o Museu da Escola Catarinense mais conhecido entre o público especializado. Um dos grandes desafios

em pensar o plano museológico e em pensar um museu na atualidade é levar em conta as novas tipologias de museus, já que as categorias se ampliaram e estão mais complexas, assim como a própria sociedade contemporânea.

Jacques Derrida, em *Pensar em não ver: escritos sobre as artes do visível* (2012) discute arquivo, entendendo a memória como a necessidade ou desejo de colecionismo. Temos a necessidade de memória, porque temos o medo de perder. Para Derrida, “O arquivo não é uma questão de passado, é uma questão de futuro” (DERRIDA, 2012, p. 132), pois selecionamos o que consideramos importante e o que é preciso ser repetido no futuro. A memória no arquivo está em trazer à atualidade o que está distante e dar continuidade ao passado, garantindo-lhe a sobrevivência no amanhã. Este movimento de olhar projetado para o passado é expresso por Agamben no livro *O que é contemporâneo e outros ensaios*, quando diz que a “via de acesso ao presente tem necessariamente a forma de uma arqueologia” (AGAMBEN, 2009, p. 70), no sentido de situações que já aconteceram, já foram vividas e, no presente, não podemos mais viver nem as alcançar, mas devemos lançar um olhar para o não vivido no que é vivido, em um movimento que não cessa ao se repetir.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. *O que é contemporâneo?: e outros ensaios*. Chapecó: Argos, 2009.

BUSINESS “MUSEU DA ESCOLA CATARINENSE – MESC – Udesc” Disponível em : <https://www.google.com/maps/place/MESC/@-27.5979595,-48.5507345,17z/data=!3m1!4b1!4m5!3m4!1sox0:oxcco5870e5eco52bc!8m2!3d-27.5979595!4d-48.5485458>. Acesso em: 10 mai. 2020.

DERRIDA, Jacques. *Pensar em não ver: escritos sobre as artes do visível* (1979-2004). Florianópolis: UFSC, 2012.

HUYSSSEN, Andreas. *Culturas do passado-presente: modernismos, artes visuais, políticas da memória*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.

MAKOWIECKY, Sandra; GOUDEL, Francine; CRISPE, Juliana. Quando a arte não tem fronteiras. *Arte & Crítica*, ano XVII, n. 51, set. 2019. Disponível em: <http://abca.art.br/httpdocs/quando-a-arte-nao-tem-fronteiras-sandra-makowiecky-juliana-crispe-e-francine-goudel/>. Acesso em: 5 jan. 2020.

MAKOWIECKY, Sandra; GOUDARD, Beatriz; HENICKA, Marli. *Painéis de formatura do acervo do Museu da Escola Catarinense: patrimônio histórico cultural do estado*. Florianópolis: Udesc, 2019. v. 1.

MAKOWIECKY, Sandra; GOUDARD, Beatriz; HENICKA, Marli. *Museu da Escola Catarinense da Udesc e outros museus do mundo: memória e história visual*. Palhoça: Lilás, 2020.

MAKOWIECKY, Sandra; GOUDARD, Beatriz (Org.). *Museu da Escola Catarinense: por um legado de transmissão e herança*. Florianópolis: Udesc, 2018. v. 1.

MAKOWIECKY, Sandra. Museu da Escola Catarinense em sobrevivências possíveis. *In: 24. ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS – ANPAP- COMPARTILHAMENTOS NA ARTE: REDES E CONEXÕES. Anais...* Santa Maria: UFSMaria, 2015. v. 1. p. 1944-1962.

MAKOWIECKY, Sandra. Museu da Escola Catarinense: por uma biografia das coisas. *In: XXXVI COLÓQUIO DO COMITÊ BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE: ARTE EM AÇÃO*, Campinas. *Anais...* Rio de Janeiro: CBHA, 2016. v. 1. p. 479-490.

MESC TOUR: áudio guia. Disponível em: <https://tourvirtual360.com.br/mesc/audioguia/>. Acesso em: 10 mai. 2020.

MESC TOUR VIRTUAL. Disponível em: <http://mesc.tourvirtual360.com.br>. Acesso em: 10 mai. 2020.

MORIN, Edgar. *O problema epistemológico da complexidade*. 3.ed. Portugal: Publicações Europa-América, 2002.

SILVA, Vera Lúcia Gaspar da; SCHUEROFF, Dilce. *Memória docente: Historia de professores catarinenses (1890-1950)*. Florianópolis: Udesc, 2010.

PLANO museológico do MESC 2020-2025. [s.d.] Disponível em: <http://www1.udesc.br/?id=2318>. Acesso em: 5 jan. 2020.

SILVA, Vera Lucia Gaspar da; PETRY, Marília Gabriela (Orgs.) *Brinquedos da minha infância: coleção Aldo Nunes catálogo*. Florianópolis: SEA-Diretoria de Gestão Documental, 2008.

SILVA, Vera Lucia Gaspar da; EGGERT- STEINDEL, Gisela. Museu da Escola Catarinense de Santa Catarina – Brasil: uma biografia. *Revista Pedagógica*, Chapecó, ano 16, n. 29, v.2, p. 381-420, jul./dez. 2012. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/pedagogica/article/view/1457>. Acesso em: 4 dez. 2018.

VINÁS, Salvador Muñoz. *Teoria contemporânea de la restauración*. Madrid: Síntesis, 2003.

